

## **ESTUDO DE UMA SOCIAÇÃO PRÓ-SAUDABILIDADE A PARTIR DE AULAS DE MUAY-THAI EM PORTO ALEGRE**

**Ricardo Cortez Lopes<sup>1</sup>**  
**Vinicius Foletto Bevilaqua<sup>2</sup>**  
**Marciele Vasconcellos<sup>3</sup>**  
**Gabriel Bandeira Coelho<sup>4</sup>**

### **RESUMO:**

Esse trabalho busca compreender o modo como se gera uma sociabilidade no interior de um grupo, a partir de um compartilhado que pareceu geral aos seus membros: a questão da saúde como valor, estudo cujo ambiente empírico foi uma academia de muay-thai porto alegre. Assim, procuramos compreender os elementos estruturadores da experiência de grupo e as normas que formaram a coesão, assim como e os conflitos – a partir da leitura da sociologia das formas de George Simmel. Além dessa categoria analítica, este autor pensou as diferenças entre uma sociabilidade metropolitana e uma sociabilidade pequeno-citadina, ponto que também embasa o estudo. Chegamos à conclusão de que esses elementos remetem a uma sociabilidade anti-estrutural neste contexto: a tribal. Esse é o conteúdo que conduz até o objetivo da socição (o alcance da condição de saúde) e que se constitui em mais uma das críticas da modernidade, da vertente que não é formulada em termos políticos e/ou acadêmicos.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Socição; muay-thai; tribo; saúde; sociabilidade.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

<sup>2</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

<sup>3</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

<sup>4</sup> Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

## 1 – INTRODUÇÃO

Para Georg Simmel (1858-1918), o sociólogo deve permanecer atento às intrincadas teias de microinterações que se estabelecem no cotidiano e que são constitutivas da sociedade, assim entendida em uma perspectiva relacional. Ao priorizar o nível micrológico, Simmel desloca o seu olhar sociológico para objetos e/ou temas como a arte da coqueteria, a escultura de Rodin, o dinheiro e a vida na metrópole que, pouco usuais a época, desvelam as nuances das formas de socialização típicas da modernidade. No presente artigo, ao mobilizar a sociologia de Simmel, buscamos analisar os traços de sociação de um grupo que se reuniu para participar de aulas de Muay-Thai, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e que tinha como ênfase a busca da saúde físico-mental, o que impulsionou a aproximação dos membros entre si. No decorrer da pesquisa empírica, encontramos alguns desses traços que remetem a uma sociabilidade que busca se isolar e negar o contexto urbano para que esse cuidado à saúde possa se manter ativo e atrativo.

Nosso foco, não será no interesse individual dos membros, mas sim no resultado social efetivo dessa prática (conf. SIMMEL, 2006). Pretendemos demonstrar como os integrantes das academias contestam a vida na grande metrópole a partir do seu interesse na saúde – valor que é interpretado como oposto da modernidade nascente. Isso porque em uma sociedade de risco, a saúde passa a ser imposta como algo necessário, característica chamada de saudabilidade (BARBOSA, 2009). Entretanto, observamos que esse ideal não consegue manter-se apenas pela simples necessidade da sociedade de risco: é preciso que os indivíduos “sintam”, ou seja, se engajem (objetiva e subjetivamente) na prática da atividade física. Nesse sentido, muitos indivíduos até conseguem iniciar a atividade física por conta das exigências dessa sociedade de risco, mas essa justificativa vai perdendo força diante das dificuldades do esforço físico, até o sujeito desengajar-se

de vez (PEROTTI JUNIOR, 2006). A atividade precisa tornar-se algo mais do que o movimento de nervos e de músculos: precisa de conteúdo que a envolva e que torne o indivíduo um participante de um processo, que o ultrapassa. Semelhantemente ao que afirmava Lacan, quanto mais esse conteúdo não for percebido, mais forte ele vai ser e mais o indivíduo vai ter uma imersão na atividade, realizando-a sem perceber por entrar em fluxo (CSIKSZENTMIHALYI, 1996). Cada um desses conteúdos gera uma socição específica que se organiza em torno de algumas práticas, das quais nos ocuparemos nesse trabalho.

Ao longo do artigo, em um primeiro momento, discutiremos o ferramental teórico mobilizado na análise dos dados produzidos em campo e, a seguir, apresentaremos brevemente a bibliografia relacionada à prática do Muay-Thai, a fim de cotejar algumas definições que lhes são atribuídas. Após essas explicações, apresentam-se os dados produzidos por meio das pesquisas etnográficas que foram realizadas com dois grupos distintos de praticantes de Muay-Thai, o que nos permitiu problematizar as aproximações e as diferenças que perpassam essa prática em distintas culturas locais (GEERTZ, 1997). Empreendemos a análise desse material partindo das categorias simmelianas a fim de mapear os elementos dessa socição, o que propiciou o diálogo necessário entre os planos teóricos e empíricos.

O artigo foi concebido e confeccionado com o intuito sociológico de articular as relações entre teoria e empiria a partir da teoria de Simmel. Compreendendo que sua obra é explorada no Brasil a partir da ênfase teórica na teoria sociológica e no pensamento social alemão (MOCELIN, 2015; TEDESCO, 2009; GRIGOROWITSCHS, 2008; SOUZA & ÖELZE, 1998), buscamos como o artigo compreender a obra simmeliana e sua atualidade a partir da dedicação na análise de um caso empírico que possa ressaltar e tensionar a teoria simmeliana num contexto radicalmente diferente daquele na qual fora

produzida. Uma das contribuições a serem apresentadas e discutidas no artigo refere-se ao diálogo entre teoria e empiria proposto. Se, no Brasil, tem-se ricas e extensas reflexões teóricas sobre a obra de Simmel, cabe, por outro lado, produzir reflexões e refrações que enriqueçam a discussão sobre os potenciais e limites da obra simmeliana em solo brasileiro.

## **2 - SOCIABILIDADE, SOCIAÇÃO, VIDA NOS CENTROS URBANOS E A TRIBO**

Simmel pode ser considerado como um dos clássicos fundadores da sociologia, mas que em sua época não recebeu a mesma atenção (MOCELIN, 2015) que os eleitos por Talcott Parsons como os fundadores da Sociologia – Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim. Isto provavelmente decorreu de fatores étnicos – a sua descendência semita – e de uma diferença entre eles da concepção da relação indivíduo-sociedade. Por um bom tempo permaneceu, na teoria sociológica, uma polarização que ditava que: ou o indivíduo seria totalmente determinado pela sociedade – seja pela alienação, seja pela cultura, seja pelas representações coletivas – ou a sociedade seria totalmente determinada pelo indivíduo, o que resultaria em um atomismo. Simmel, por conta de suas preocupações, defendia uma terceira relação:

Mesmo quem reconhece a “vida” autêntica somente nos indivíduos, e identifica a vida da sociedade com seus membros individuais, não poderia negar uma variedade de conflitos reais entre indivíduo e sociedade. De um lado, porque, nos indivíduos, os elementos fundem-se no fenômeno particular denominado “sociedade”, e esta adquire seus próprios pilares e órgãos que se contrapõem ao indivíduo com exigências e atitudes como se fosse um partido estranho (SIMMEL, 2006, p. 83).

Ou seja, trata-se de uma relação mais interativa entre esses dois entes observando a relação dos indivíduos entre si, o que faz com que Simmel se foque justamente nas relações interpessoais, nas quais o indivíduo expressa o social e o social se expressa no indivíduo. Dado o foco analítico na interpessoalidade, a escolha pelo objeto “sociedade”, popular em sua época, não fora efetuada. O máximo que Simmel chega perto da noção é quando se refere à “algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo” (SIMMEL, 2006, p. 18). Entretanto, “sociedade” será apenas um nome que permite designar os indivíduos como conectados uns aos outros por meio de relações mútuas. Frente à ênfase nas relações entre indivíduos, Simmel irá se focar nos fenômenos de sua época que apresentavam configurações próximas. A arte, a ciência, a religião e o urbano são objetos que se encaixam em tais configurações. São objetos que permitem a aproximação analítica em suas relações, operadas pelos indivíduos que participam. Analisar a arte ou ciência em Simmel não significa gerar dados estatísticos sobre o alcoolismo em 12 países e estudá-los comparativamente, e sim compreender as relações, processos e interações que perpassam a vida cotidiana dos indivíduos envolvidos e associados uns aos outros.

Para uma síntese adequada às tarefas de uma ciência em florescimento, Simmel constitui o que chama de “Sociologia das formas”. A forma é a maneira de se desenvolver a interação. As interações desenvolvem-se dentro de formas específicas com seus próprios conteúdos. Exemplos de formas são a religião, a ciência, a política, a arte, a educação, a família. Cada uma delas afeta e é afetada pelas interações dos indivíduos participantes. Um grupo definido de cientistas afetaria e seria afetado pela ciência, dentro de uma constante processualidade formal. As formas “auxiliam [os indivíduos] a conferir ordem e sentido ao mundo, construindo uma unidade – forma, objeto de estudo da sociologia” (MOCELIN, 2016, p. 20). No outro extremo está o conteúdo, que é a disposição para a associação. O conteúdo é, para Simmel, uma espécie de matéria, com uma existência nos indivíduos e nos lugares de toda a realidade sócio-histórica, manifestada como amor, impulso, interesses, fé, ideologia, finalidade. O matrimônio nobre no final da idade média europeia manifestava-se na família, como forma simmeliana, a partir do interesse na reprodução e manutenção de bens materiais e simbólicos de sua época. Com a transição para a tão evocada modernidade ocidental, o matrimônio começou a ser uma forma social fundada no interesse, mais do que desejo, pela liberdade de escolher a quem se associar.

Estudar as formas, para Simmel, significa compreender as relações e interações entre os diferentes indivíduos e os interesses, desejos, finalidades, impulsos, amores

capazes de mobilizar e manifestar nas formas que participam. Entretanto, nem tudo que é interação encaixa-se como forma. Para ser um objeto da sociologia das formas, ressalta-se a necessidade sociológica, como argumenta Simmel (2006), das interações e relações apresentarem características definidas que permitam entendê-las não como meras agregações isoladas dos interesses, vontades ou desejos dos indivíduos, e sim como maneiras específicas e definidas de, por exemplo, amar, pesquisar, rezar e criar. São formas determinadas “de estar com o outro e de ser para o outro” (SIMMEL, 2006, p. 61).

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam. Esses interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos, formam a base da sociedade humana (SIMMEL, 2006, p. 61).

Corretamente, para Simmel (2006), as sociações fugazes também fazem parte da análise, pois em alguma medida são redirecionadas às unidades perfeitamente caracterizadas (família, igreja, Estado, empresas, escolas, universidades). Os grandes sistemas e organizações sociais não passam, para o autor alemão, de cristalizações “de efeitos mútuos imediatos, vividos a cada hora e por toda uma existência, de indivíduo para indivíduo” (2006, p. 17).

Entretanto, a análise sociológica requer não apenas a descrição dos conceitos importantes a serem usados. Cabe também um conjunto de reflexões que permitam um encaixe teórico-empírico para a produção de análises sociológicas sobre o objeto de estudo que sejam robustas e não percam os fios que conectam a empiria e a teoria. Com a finalidade de tornar operacional o conceito de sociação de Simmel, no quadro 1 apresentamos uma operacionalização do conceito de sociação simmeliano:

**Quadro 1:** operacionalização do conceito de sociação

<b>Conceito</b>	<b>Dimensão</b>	<b>Componente</b>	<b>Descritor</b>
Sociação	Cognitiva	Interesse	Objetivo da ação
		Ação	Imitação/ criação

	Simbólica	Desejo	Objeto do desejo	
	Relacional	Coesão	União	
				Divisão do trabalho
		Poder	Dominação/ subordinação	
	Coordenação	Competição/ cooperação		

**Fonte:** autoria nossa com base na obra *Questões fundamentais de sociologia*<sup>5</sup>

A eleição das dimensões, componentes e descritores foi organizada, de acordo com Quivy e Campenhoudt (2013), com o objetivo de, gradualmente, aproximar o conceito do campo empírico. Nesse sentido, as dimensões cognitiva, simbólica e relacional ocupam um espaço mais abstrato no conceito simmeliano, referindo-se, em certa medida, aos diferentes ângulos que o conceito busca pensar. As dimensões do conceito encontram ressonância não somente na sociação em si, mas na própria prática dos membros da sociação, sendo mutuamente referidos. A dimensão cognitiva se divide nos componentes “ação” e “interesse”, pois ambos representam parte do que se produz como forma e conteúdo nas sociações. Cada sociação determinada, como uma empresa ou uma igreja, a partir da dimensão cognitiva, desenvolve-se com base na ação e no interesse empiricamente observado nos membros, mas que indiretamente informa sobre o conteúdo e a forma da sociação. A dimensão simbólica se encontra como uma contraposição à dimensão cognitiva. Se, por um lado, o interesse reina na dimensão cognitiva, a dimensão simbólica refere-se à toda carga simbólica que o desejo dos atores produz. Entretanto, cabe a compreensão de que em alguns casos o interesse nada mais é que a racionalização do desejo não manifestado. Por fim, a dimensão relacional compreende as relações operadas entre os membros das sociações. Se são relações de poder, de coesão ou coordenação.

<sup>5</sup> Para operacionalizar o conceito de Sociação, pensou-se com o auxílio de manuais de investigação sociológica, como Quivy e Campenhoudt (2013), assim como a leitura atenta da obra de Simmel que buscasse indícios sobre como operacionalizar o conceito de sociação.

Esse desenvolvimento das relações vai gerar o que Simmel chama de “jogo”, quando o grupo cria interpretações que “[...] tornam-se fins em si mesmas e exercem seu efeito por sua própria força e por sua lei, seletivas e criativas, independentemente de seu emaranhado com a vida prática, e não por causa dela” (SIMMEL, 2006, p. 22).

Diante desses pressupostos, salientamos que o grupo estudado neste trabalho inicia sua aproximação interpessoal por conta de uma motivação/fator/impulso/interesse de sociação não social: a *manutenção da saúde*, um interesse que faz os indivíduos se desenvolverem rumo a essa unidade, a saúde. Esse desenvolvimento se dá na criação de laços que buscam divergir das vivências urbanas (que são as que não permitem a aproximação com a unidade saúde). Assim, geram-se alguns padrões de interação com os quais lidaremos neste estudo.

No decorrer deste artigo, vamos lidar, para além das formas, com uma sociabilidade contra a qual o grupo parece ter que se opor para conseguir engendrar seus mecanismos. Em um primeiro momento, o que seria essa sociabilidade a qual o grupo que pesquisamos parece se colocar contra? Acreditamos que seja aquela colocada pelas grandes metrópoles. Para defini-la, vamos recorrer a um outro texto de Simmel (SIMMEL, 2005), o qual discorre sobre as influências das grandes cidades na vida do espírito, que é a vida psíquica.

A cidade grande seria um mundo mecânico técnico-social, que tenta incorporar, no anular, ao indivíduo. Esse mundo social é classificado pela intensificação da vida nervosa, por conta da enorme quantidade de estímulos que são *entendidos* pelos cidadãos, e não *sentidos* a partir dos *ânimos*. Vamos observar que as aulas efetivamente buscavam se isolar do ambiente citadino principalmente no tocante ao mundo do trabalho, mas que também buscavam involucrar-se de sons e preocupações trazidas pela cidade.

Quem compreende as mudanças pelo entendimento está sempre pensando a partir de capacidade e compensações. Isso faz as relações se impessoalizarem ao serem intermediadas pelo fator econômico do cálculo. Dessa maneira, a cidade possui relações basicamente contábeis: ela é portadora de um esquema temporal fixo e supra-subjetivo que domestica o tempo e busca tirar do homem a possibilidade de este exercer sua subjetividade. As relações das aulas são contábeis apenas no tocante ao pagamento da mensalidade, que é feito, aliás, em um balcão fora do lugar.

Outra característica da vida na cidade grande é a questão do *blasé* – a indiferença. Os nervos hiper-estimulados em tempo integral acabam por não mais se afetar pelos constantes estímulos, e isso causa a indiferença. E isso resulta também no que Simmel chamou de “reserva”: é uma reação negativa – uma leve aversão, um não se importar com a designação do “patricio”, que desemboca em uma atomização do tecido social. Essa reserva é evitada, pelo nosso grupo, justamente na uniformização das ações: as mesmas atividades fazem os membros compartilharem o mesmo espaço.

Assim, Simmel afirma que a luta pela natureza foi substituída pela luta entre os homens. É uma luta que o indivíduo trava para fazer valer a própria personalidade diante de uma cultura objetiva que ignora esse sujeito – para que seja percebido pelo círculo social. E isso acontece a partir de “tribos”. E justamente é a natureza – separada rigidamente da vida da cidade – que é trazida de volta para que seja a base para a unidade saúde. Observamos que esses traços do grupo são negações da lógica grande-citadina. Mas o que se gera? Acreditamos que há uma aproximação com uma sociação tribal nessa negação. Isso porque parece que essa sociação parte a esta negação.

De um ponto de vista antropológico, a tribo é uma organização social que se dinamiza através de laços de parentesco, baseadas na vontade de manter boas relações entre os integrantes, através de uma cultura de cooperação e não violência entre os

membros desta (SAHLINS, 1974). A religião também é uma característica tribal que ressaltaremos, e também é representada na academia. A necessária defesa do território também compõe o quadro. No decorrer do trabalho esses caracteres irão se tornar mais nítidos quando do cotejo dos dados coletados em campo com a bibliografia, porque muitas das coisas que serão analisadas nesse espaço são recorrentes em estudos antropológicos de sociedades tribais.

Outro conceito importante, e que apareceu no campo, é o de sagrado. O sagrado é uma força que investe ideias humanas de um caráter transcendental, que remete a algo externo a ele e a tudo que é mundano. Estas ideias são criadas socialmente, a partir de processos de deliberação coletiva chamados de efervescência, ocorridos em momentos que as ideias estabelecidas sofrem de uma crise. Por adotar esse caráter extra-mundano, há uma dubiedade na própria força suscitada pelo sagrado, e que passa para o seu objeto:

O objetivo sagrado inspira-nos senão o temor pelo menos um respeito que dele nos afasta que nos mantém à distância; ao mesmo tempo, ele é objeto de amor e de desejo; tendemos a nos aproximar dele, aspirarmos ir ao seu encontro. Eis aí um duplo sentimento que parece contraditório, mas que nem por isso deixa de existir na realidade (DURKHEIM, 1996: 321).

Assim, o profano é a oposição, é o que é cotidiano. Vamos observar, na análise dos dados, que esses conceitos conduzem até a sociação, que só é viabilizada a partir dos rituais. Assim, uma realidade histórica consegue se estabelecer e, com ela, a sociação.

### **3 – O MUAY-THAI: UMA BREVE DEFINIÇÃO**

De acordo com Lima e Votre (2008, p. 01), o Muay-Thai caracteriza-se por “[...] utilizar golpes traumáticos com o objetivo de conquistar a vitória, através do nocaute”, sendo que “[...] sua criação e evolução ocorreram na época em que o povo tailandês sofria ataques de inimigos fronteiriços, fazendo-o lutar constantemente”. Entretanto, essa definição acaba

assumindo formas de um mito sendo contado, tendo em vista que não parte de uma periodização. Dessa forma, buscamos uma definição complementar:

Se alguém perguntar como o *Muay-Thai* surgiu, devemos voltar a pré historia quando a raça humana ainda era primitiva, quando as necessidades e as pressões naturais humanas exigiam a luta pela sobrevivência. A necessidade de se proteger o tempo todo, armas naturais se desenvolveram como ferramentas de ataque e defesa, esse é o começo da história como os humanos começaram a utilizar pés, joelhos, cotovelos e punhos para se defender. (KRATIUS apud FALKENBACH, 2007, p. 3).

Esta definição também se apresenta bastante problemática para o recorte deste trabalho. Parte da premissa de que o simples fato de o homem precisar se defender de perigos naturais gerou as artes marciais. Está em jogo nesta definição do autor um determinismo biológico: o homem sempre se constituiu, até o advento dos utensílios com o *homo habilis*, como presa de outros animais. Neste sentido, o uso de instrumentos seria muito mais útil, por exemplo, para enfrentar uma preguiça gigante, do que um *clinch*. O surgimento das artes marciais é muito mais um fenômeno cultural do que propriamente uma demanda natural, pois a arte marcial possui toda uma simbologia e uma filosofia em sua mensagem. Não é possível tentar abordá-las satisfatoriamente em suas essências pelo ângulo do naturalismo ingênuo. O autor, no entanto, continua:

Para falarmos da origem do *Muay-Thai* devemos voltar a mais de dois mil anos atrás para as tribos de Ao Lai que migraram do sul da China para as planícies centrais do Siao hoje conhecido como Tailândia, [SIC] é difícil comprovar conclusivamente quando e onde a arte se originou, porque todos os documentos da história tailandesa foram destruídos no período de *Ayuddhaya* quando *Burma* invadiu e saqueou a capital. A história do *Muay-Thai* foi juntada pedaço a pedaço por informações que escaparam da destruição, e foram passadas através de gerações, boca a boca, professores para alunos. (FALKENBACH, 2007, p. 16).

Por conseguinte, o autor cita alguns grandes nomes do *Muay-Thai*: Nai Khanohn Tohm e Apidej. “Com o passar dos anos, o *Muay Thai* foi se tornando mais brando, devido à concepção do esporte moderno” (LIMA, VOTRE, 2008, p. 4).

O fato de a arte marcial utilizar como meios de ataque as mãos, os cotovelos, os pés e os joelhos caracteriza a modalidade como a luta das “oito armas” (FALKENBACH,

2007). Com o tempo, a arte marcial, de ordinário utilizada em suas origens para fins militares, acomodou-se nos dias atuais nas modalidades “treinamento físico, esportes competitivos e autodefesa.” (FALKENBACH, 2007, p. 12). Insere-se, portanto, dentro da lógica da Modernidade, que, segundo Alain Touraine:

[...] caracterizou-se pela afirmação de que o homem é o que ele faz, e que, portanto, deve existir uma correspondência cada vez mais estreita entre a produção, tornada mais eficaz pela ciência, a tecnologia ou a administração, a organização da sociedade, regulada pela lei e a vida pessoal, animado pelo interesse, mas também pela vontade de se liberar de todas as opressões (TOURAINÉ, 2008, p. 9).

Tomando por base tal assertiva, percebe-se que as artes marciais, ao não se encaixarem em nenhuma atividade produtiva de bens de capital ou bens de consumo precisaram “migrar” para a área do entretenimento (sobrevivendo do patrocínio das empresas e de iniciativas culturais), esvaziando-se de qualquer conteúdo mítico ou filosófico no intuito de se encaixar assim na nova ordem onde a ciência preponderaria (HIRATA, 2007). Assim, as artes marciais viraram *esportes*, e não *estilos de vida*, como sempre foram praticadas pessoalmente (SIMMEL, 1998) em templos por mestres que não precisavam produzir nada além da perpetuação da arte, e puderam, assim ser ensinadas em qualquer local profano.

#### **4 - A ETNOGRAFIA NA CIDADE DE PORTO ALEGRE: AS VISÕES DE UM “ESTRANGEIRO”**

A pesquisa etnográfica ocorreu em uma academia de musculação porto-alegrense que também oferece aulas de jump, gap e taekwondo. Ela ocorreu no ano de 2014 – composta de 12 inserções em campo, correspondendo cada inserção a uma aula - e foi

retomada no ano de 2017 – com mais 4 inserções e acompanhamento de campeonatos) e o cotejo permitiu a produção do material aqui exposto.

A sala onde se desenvolve as aulas é grande, de chão acolchoado com uma proteção de borracha (assim a atividade física se desenvolve sem o risco de lesões graves). A sala localiza-se no terceiro andar do prédio da academia e divide espaço com a aula de *Jumping*. Há uma área central onde se organiza o espaço da luta. À volta deste espaço reservado, todas as necessidades cotidianas e não relacionadas diretamente com a atividade guerreira: um banheiro, um espelho, armários, alteres, e as camas elásticas. Enfim, o local não é nada mais do que uma sala, mas o fato de os participantes executarem ritos – como veremos mais adiante – transformava aquele lugar central em um local “sagrado” onde uma técnica era passada – em contraposição ao uso completamente profano do local para as aulas de *jumping*. As cores são variadas no ambiente, o que poderia remeter a um ambiente não uniforme como o das florestas a serem protegidas, ou seja, um microcosmos de um ecossistema.

As aulas do período da noite ocorrem nas segundas e quartas, às 20 horas. Os alunos não possuem um perfil único: há uma grande variedade entre eles, tanto de idade como de tipo físico. Talvez o fato de estes buscarem majoritariamente o esporte para amainar o estresse contribua para que os alunos se mostrem receptivos à recém-chegados, tal como ocorreu quando iniciou-se o trabalho de campo. A “atmosfera de endorfina” reflete-se em algumas declarações, como a do Aluno D: “se a as aulas servem para se descansar de um trabalho chato, então que pelo menos sejam divertidas!”. Este aluno, no caso, sempre praticou artes marciais, e viajou pelo Brasil todo a trabalho, conhecendo muitas modalidades por conta da sua atividade profissional. Assim, chegou ao Muay-thai a partir do contato com outros lutadores, e decidiu por amainar o estresse do trabalho neste esporte. Um mês depois, o aluno abandonou as aulas, deixando a suspeita de ou ter

se mudado para outra parte do país ou de haver buscado outro esporte. À exceção de um aluno que trabalhava no ramo da segurança privada e outros que ainda se encontravam ainda estudando em escolas, todos os outros alunos – a maioria – cumpriam funções em escritório.

No dia 2 de maio de 2015, todavia, esse panorama descrito nesta seção anterior mudou completamente. A academia deixou de oferecer apenas uma arte marcial, e tornou-se um “dojo”, um local voltado para a prática de uma série de esportes (tal como taekwondo, jiu-jitsu, boxe), de modo que o chão foi inteiramente coberto com tatames, e não mais com o chão de borracha característico que permitia a sua divisão com as aulas de Jumping, que mudaram de sala.

Entrevistando o professor, este afirmou que a grande maioria dos frequentadores das aulas tem o interesse em dirimir o estresse dos seus trabalhos em escritórios e demais estabelecimentos onde a utilização do computador é preponderante. O conceito de sociação nos permite observar que o interesse em dirimir o estresse opera como um potencializador da participação no Muay-Thai. Nesse sentido, observa-se a dimensão cognitiva do conceito junto do componente “interesse”. Observa-se como a racionalização da fala do ator conduz à afirmação da diminuição do estresse como interesse, não necessariamente sendo um “desejo”, o qual poderia recorrer ao componente simbólico da sociação. Portanto, a diminuição do estresse seria um caso empírico do componente interesse que adiciona conteúdo à própria sociação em estudo. Essa sociação consegue transformar-se em um espelho para seus membros, onde o estresse, produzido na metrópole, acaba ocupando um lugar importante de interesse aos alunos. É neste sentido que o Muay-Thai, enquanto prática esportiva, torna-se uma “válvula de escape” para os indivíduos que permanecem, em média, oito horas no trabalho, fora o tempo gasto com transporte e outros eventos não menos estressantes. Nesse ponto, o interesse na

diminuição do estresse, por parte do agente, transforma-se quase como uma categoria de função que a sociação cumpre com relação aos seus membros. A vida nas grandes metrópoles mantém o corpo humano em constante estado de alerta, fazendo com que organismo produza uma série de substância que, em excesso, prejudicam a saúde do indivíduo. Sinais no trânsito para cuidar a próxima rua a dobrar, cuidar o semáforo, procurar lugar pra estacionar, tomar cuidado para não ser assaltado ou bater no carro da frente. Em suma, o corpo humano – e aqui estamos nos referindo a mente e ao corpo como unidade – encontra-se cada vez mais sobrecarregada com as exigências da dinâmica moderna e, por isso, muitas pessoas têm buscado nas artes marciais um novo estilo de vida, um estilo daquilo que tem sido chamado de “geração saúde”.

Ao cabo, a sedentarização – no sentido conferido pela Educação Física, do desacostumar o corpo a movimentar-se com frequência, o que acarreta em uma série de prejuízos para a saúde – acentua-se na era em que os computadores assumem uma série cada vez maior de funções, evitando, assim, que as pessoas necessitem se movimentar com tanta intensidade. A arte marcial – devidamente “dissolvida” na modernidade – supre a lacuna da ausência do exercício físico e ajuda a lembrar às pessoas que estas possuem um corpo biológico que necessita se movimentar para se manter saudável (algo que os profissionais da educação física chamam de “qualidade de vida”).

A academia é um local de troca de serviços, mas as aulas que acompanhamos pareciam buscar deixar de fora essa lógica, criando um laço de coesão diferenciado da relação cliente-prestador de serviço. Observa-se a dimensão relacional do conceito de sociação junto do componente “coesão”, a qual a relação entre os membros produz uma coesão para além da esperada relação cliente-serviço. A aula de Muay-Thai, então, não podia iniciar sem que se crie uma atmosfera diferenciada do mundo ao redor do local (que chamaremos de mundano ou de grande cidadão). Para tanto, são executados uma série de

mecanismos que garantem a purificação do local. Marcel Mauss explica em parte o por que dessa necessidade de purificação ao descrever sacrifícios entre indianos e hebreus.

O Sacrifício é um ato religioso que só pode se efetuar num meio religioso e por intermédio de agentes essencialmente religiosos. Ora, antes da cerimônia, em geral, nem o sacrificante [aquele que se beneficia do sacrifício], nem o sacrificador, nem o lugar, nem os instrumentos, nem a vítima [aquele que é sacrificado] têm esse caráter no grau que convém. Assim, a primeira fase do sacrifício tem por objeto conferir-lhe esse caráter no grau que convém. Eles são profanos, e é preciso que mudem de estado. Para tanto, são necessários ritos que os introduzam no mundo sagrado e ali os comprometam mais ou menos profundamente, conforme a importância do papel que desempenharão a seguir. (MAUSS, 2005, p. 26).

Essa situação ocorre semelhantemente na aula de muay-thai. Primeiramente há no local da prática do esporte uma região separada para que se guarde os itens mundanos, que isolam, assim, a individualidade da pessoa e a sua ocupação profissional no ambiente mundano. O segundo mecanismo de purificação é o perfilamento dos alunos, que passam a compor um todo orgânico, respondendo a comandos coletivamente (o primeiro comando seria uma posição de sentido). O terceiro é a palavra de ordem, entoado por todos ao mesmo tempo, que marca a sintonia do coletivo com mais veemência. Outra característica importante desse ritual de purificação, além do uso de um “short” característico dos praticantes tailandeses de muay-thay e hoje comercializado no mundo inteiro –, diz respeito ao uso do “kruang”, tarja utilizada no braço, na altura do bíceps, do praticante que foi graduado por alguma academia ligada à federação de muay-thai. O “kruang”, conforme afirmam os professores e mestres da arte marcial, é um marcador de identidade dentro do tatame, ou seja, um produtor de hierarquias para o momento de treinamento, no qual fazem valer valores, como respeito, empenho, disciplina, dentre outros. Portanto, os quatro pontos descritos referem-se à dimensão relacional e ao componente de coesão que a sociação produz com respeito aos seus membros. Todos os pontos funcionam para aproximar uns aos outros e criar uma diferença que distingue o pertencimento. Pertencer também é distinguir.

Todos os participantes agora são um só, e o treinamento será realizado em uma atmosfera preparada para tal (estabelecemos que essa condição seria considerada “sacralizada”). A sacralidade dura até o fim do treino: todos perfilam-se novamente, e novamente saúdam-se, dessa vez um a um, e não coletivamente. Por fim, todos reassumem plenamente suas identidades individuais (uma vez que as tinham deixado em segundo plano em prol da sociação) e retornam para a vida mundana (através da repetição da palavra “Muay-Thai” 3 vezes em coro). A atividade guerreira, portanto, é sagrada, e não apenas um desdobramento do cotidiano.

Um dos fatores que possivelmente ressaltam essa atividade *sagrada* guerreira seria a presença de um quadro com os dizeres “Feng-Shui” pendurado em uma das paredes. Tal artefato simbolizaria, ao nosso ver, uma tentativa mais explícita de re-ligação com a cultura oriental, da qual a prática do esporte se afirma como herdeira, pois seria interessante que o esporte se mostrasse conectado com algo além da prestação de serviço, o que justificaria mais a sociação não grande cidadina. Assim, há uma ligação com um passado comum, de modo que só pode habitar a sala sacralizada durante o período das lições a pessoa que passou pelos rituais específicos. Não era uma coerção propriamente pronunciada. Todavia, nem mesmo os membros da administração da academia adentravam o espaço sacralizado quando a aula começava, limitando-se a chamar pelo professor de longe para que este abandonasse o espaço e falasse com recém-chegados.

O embate físico entre colegas de turma ocorre apenas com consentimento mútuo, e através do “*sparring*”, com os materiais de proteção apropriados, sempre preservando a integridade física do aluno. Durante esse período de treino específico, se um golpe desmedido é ocasionado por um dos participantes do treino, ambos desculpam-se por um gesto não verbal, o de tocar as luvas das mãos direitas uma na outra, ensaiando um que outro sorriso ao fazer isto. Observa-se, na sociação em estudo, algo recorrente a ela

mesma e que desperta nos participantes, qual seja, o reconhecimento do lugar da violência. Cria-se uma fronteira simbólica que separa a violência da não-violência, a partir da ressonância dos interesses dos participantes que se voltam ao combate socialmente regulado. Não por acaso, o sorriso dos participantes denuncia a cumplicidade mútua e reafirmação das fronteiras da sociação que excluem a violência intencional. É importante ressaltar que os combates, mesmo que escassos – pois a maioria dos frequentadores não busca participar de competições, mas sim dirimir o estresse, como já foi reiterado neste texto – são realizados apenas com integrantes de outras academias, prática também presente nas tribos. De *fato*, os homens de tribo vivem em agrupamentos e comunidades de parentesco dentro dos quais a briga é usualmente suprimida, e são favorecidos também por instituições econômicas, rituais e sociais que conduzem à boa ordem (SAHLINS, 1974). Por outro lado, observa-se nesse aspecto da sociação a dimensão relacional e o componente da coordenação, onde os membros durante o *sparing* produzem, inconscientemente e por meio da sociação, um conjunto de práticas que transitam entre os polos da competição e da cooperação. A prática do *sparing* em determinados momentos exala à competição, entre o mais rápido, com melhores reflexos, capacidade de ação, etc.. e em outros, como no instante em que um golpe é entregue com demasiada força recoloca os praticantes dentro da lógica de que ambos se ajudam ao treinar um com o outro, evidenciando sua capacidade de cooperação.

O bom nome mantido pela academia passa a ser o aspecto mais importante para os membros que decidem lutar contra componentes de outras academias. Nas entrevistas isto fica evidente, pois um dos alunos revelou que iria tentar lutar em competição – mesmo que “velho” demais para tal (contava 27 anos) – e que iria representar a Perfect Gym. Pediu-se a ele que avisasse o dia da competição, para que esta também tivesse um acompanhamento, e este disse que o pessoal da academia iria acabar sabendo o dia exato

com o tempo. Assim, não parece que haveria um aviso oficial, um perguntaria ao outro sobre o dia da luta e, assim, a informação se propagaria independente da vontade de quem primeiro a inseriu no ambiente social. A competição entre as diferentes academias conduz o olhar do pesquisador à constatação do componente da coordenação e o descritor da competição que é operada.

Os praticantes que optam por tornar-se profissionais evidenciam um aspecto tribal que não se faz presente até que ocorra o embate com integrantes de outras academias: a questão da proteção de território contra agressores externos, independente de uma estrutura burocrática que monopolize a violência. Não é por acaso que é possível encontrar equipes de muay-thai, cujo grito de guerra é “família”. Os praticantes que buscam combates em competições oficiais agem, na acepção desse trabalho, como protetores do território de sua tribo – “honra” do guerreiro (categoria revelada a partir de entrevistas) – sentimento que obriga o lutador a esforçar-se ao máximo para vencer a luta na qual está engajado. Portanto, pode-se argumentar à respeito do componente da coesão e o descritor da união entre a academia em análise. Proteger a tribo e a honra significa o produto de uma união mutuamente estabelecida entre os membros e a socialização. Este grupo que se volta para campeonatos é simbolicamente – e não fisicamente – composto também pela família nuclear dos alunos, visto que esses nutrem expectativas de “defendê-los” de ameaças externas (“fazê-los sentir orgulho ao presenciar seu desempenho nas lutas”). O aluno acaba provando para si e para os outros – a tribo dos outros alunos com suas famílias nucleares e a sua própria família nuclear – que pode defender o seu território a partir das vitórias em competições, nas quais “matam” simbolicamente o adversário, no momento em que mostram que este não consegue exercer seu potencial agressivo por conta de uma predominância da força do adversário.

Os alunos preocupam-se com o bem-estar de todos do grupo e evitam conflitos destrutivos ou violentos entre os membros. Além disso, auxiliam-se nos treinos, mesmo que isto signifique dano a um dos participantes. Evidencia-se o componente da coesão e os descritores da união e da divisão do trabalho. O descritor da união refere-se à preocupação de uns com os outros, enquanto o descritor da divisão do trabalho permite identificar o que se espera e o que é produzido por cada membro. Essa relação entre os alunos pode muito bem ser expressa através de alguns exemplos. Durante as práticas, um dos integrantes feriu-se, sangrando pelo nariz. Após estancar o sangramento, o aluno retornou para o treino, para que o seu parceiro não ficasse sem ter com quem realizar seus exercícios. Mesmo que este visivelmente precisasse de um tempo de descanso para se recompor. Outro exemplo pode ser descrito da ocasião de um dos *sparrings* – “luvas” ou “luvinha” na linguagem nativa – presenciados em campo. Perguntamos a um dos alunos se não seria conveniente a proibição de golpes na cabeça, uma vez que alguns alunos ainda tinham que voltar a pé para casa depois da aula. A resposta foi: “A esquiva precisa ser treinada, senão daqui a pouco tu leva um soco ou um chute na cabeça e é nocauteado”. A camaradagem também se aplica nesta situação: os alunos se deixam atingir para melhorar sua esquiva e atingem o companheiro para melhorar a esquiva destes. Todos acabam mais fortalecidos com o exercício, mesmo que para isso sofram um pouco de dano físico. Isso corrobora o que afirma Simmel: o conflito pode ser uma parte da socialização, desde que não se torne um recurso de aniquilação (conf. SIMMEL, 1983).

Durante toda a manifestação da socialização estudada, pode-se argumentar que a dimensão relacional e o componente do poder é operada. A diferenciação entre professor e alunos evidencia uma relação de dominação e subordinação que não afeta decisivamente ou instala a desintegração da união da socialização. Pelo contrário, essa relação permite a condução dos futuros iniciados e a fortificação da união do grupo por meio da reprodução

das filosofias, valores e ideias do Muai Thay tendo como condutor, isto é, veículo, a figura do mestre do Dojo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse artigo buscamos entender, de uma maneira simmeliana, como se processaram as relações de um grupo – grupos de praticantes de muay-thai em academias nas cidades de Porto Alegre – para formar uma sociação cujo conteúdo – a busca da saúde, o interesse – deu origem a uma forma de interação. Nossa análise foi documental sobre um diário de campo de uma pesquisa produzida no ano de 2014 em Porto Alegre. Os conceitos utilizados derivaram justamente desse arcabouço simmeliano. Assim, chegamos a alguns desses traços: a purificação coletiva do local, a coletividade pelo atributo de liminaridade e os conflitos inter tribais. Esses três aspectos influenciam no modo como não vai se perder de vista o objetivo da saúde, que passa a ser alcançável apenas depois da construção dessa sociação.

A contestação da ordem vigente geralmente encontra marginalização ou estranhamento por aqueles que a seguem. Mas nesse caso parece que esses elementos anti-estruturais são misturados sem nenhum tipo de constrangimento por parte dos participantes. Isso implica em que movimentos de contestação da ordem vigente não estão apenas em contravenções penais (no “mundo da vida”, como diria Habermas) ou no pós-modernismo (na academia). Está também nas ações de pequenos grupos, de onde partem, se irradiam e se contestam novas concepções.

Ressaltamos que uma regra objetiva – no caso, a busca da saúde – não consegue ser sempre exequível apenas pela sua existência em si. Isso não é sempre o suficiente para

constranger ao indivíduo. Às vezes é preciso que um grupo a torne coletiva e ele mesmo seja a finalidade final, porque é um motivo e um fator regulador.

Os conceitos mobilizados a partir de Simmel, em especial, o de sociação e de metrópole, permitem reflexões de ordem teóricas. A metrópole enquanto produtora de uma sobrecarga de estímulos e de, conforme vimos, estresse – quando resgatado pelos alunos ao indicar seu interesse na prática do Muay-Thai – e a sociação do Muay-Thai se deparam, no nosso estudo, com um paradoxo. A metrópole produz as condições do estresse e a própria permite a produção de sociações, como a estudada, que funcionam como uma ferramenta para dirimir o estresse. Para reduzir as cargas de estresse, os alunos buscam por soluções produzidas pela própria fonte do estresse.

Por fim, destacamos a necessidade de expandir a compreensão sobre a obra de Simmel no Brasil. Se, por um lado, temos reflexões ricas sobre a teoria simmeliana, por outro urge a necessidade de produção de pesquisas empíricas que tensionem a teoria simmeliana. Tensionar significa, ao nosso ver, produzir reflexões que gerem pontes entre os conceitos mais abstratos de Simmel com a realidade empírica. Ao produzir pesquisas teóricas e empíricas, junto de sua articulação, poderemos apreciar a plenitude das contribuições do pensamento simmeliano não apenas à sociologia, mas também à realidade social que nos cerca.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, L. Tendências da alimentação contemporânea. In: PINTO, M L; PACHECO, J K. (Org.), *Juventude, consumo e educação*. Porto Alegre: ESPM, 2009.
- CARNEIRO DA CUNHA, M; VIVEIROS DE CASTRO, E. Vingança e temporalidade: os Tupinambá. *Journal de la Société des Américanistes*, n.71, v.1, pp. 191-208, 1985.
- CSIKSZENTMIHALYI, M. *Flow and the psychology of discovery and invention*. New York: Harper Collins, 1996.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FALKENBACH, F. Treinamento de Muay-Thai: Bangkok x Curitiba. *Revista Eletrônica de Educação Física*, n.1, v.1, pp. 7-27, 2007.
- GRIGOROWITSCHS, Tamara. O conceito “socialização” caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead. *Educação e Sociedade*, v. 29, n. 102, 2008.
- HIRATA, E, Pilatti, L A. Modernidade e a indústria do entretenimento: o produto esporte moderno. *Revista Digital*, v.11, n.104, pp.1-1, jan. 2007.
- LIMA, P B B, VOTRE, S J. Representações de gênero para praticantes de Muay-Thai do Rio de Janeiro. *Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder*, 8, 2008. In: *Anais*. Florianópolis: Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- LUHMANN, N. *Love: A Sketch*. Cambridge: Polity Press, 2010.
- MAUSS, M. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.
- MOCELIN, D G. O olhar de Simmel: uma sociologia sobre as formas sociais e a sociabilidade humana. In: MEIRELLES, M, MOCELIN, D G, RAIZIER, L, (org). *Atores sociais, diversidade e identidade*. Porto Alegre: Cirkula, 2015.
- PEROTTI JUNIOR, A. *Efeitos da informação verbal no acomplamento entre a informação visual e oscilação corporal*. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva, 2013.
- SAHLINS, M. *Sociedades tribais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- SIMMEL, G. A natureza sociológica do conflito. In: FILHO, Evaristo Moraes (org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.
- SIMMEL, G. O dinheiro na cultura moderna. In: SOUZA, Jessé. ÖELZE, B (Org). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.
- SIMMEL, G. *Questões fundamentais de Sociologia*. Tradução de P. Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, v.11, n.2, , pp.577-591, 2005.
- SOUZA, J; ÖELZE, B. (orgs). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- TEDESCO, João. George Simmel: modernidade e filosofia da história. *MÉTIS: história & cultura*, v. 8, n. 15, p. 137-156, jan./jun. 2009.
- TOURAINÉ, A. *Crítica da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- TURNER, V. *O Processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

## **A STUDY OF PRO-HEALTH SOCIATION IN MUAY-THAI CLASSES IN PORTO ALEGRE**

### **ABSTRACT:**

This work seeks to understand how a sociability is generated within a group, from a shared that seemed general to its members: the question of health as value, study whose empirical environment was an academy of muay-thai port alegre. Thus, we seek to understand the structuring elements of group experience and the norms that formed cohesion, as well as conflicts - from reading the sociology of George Simmel's forms. Beyond this analytical category, this author thought the differences between a metropolitan sociability and a sociability small-city, point that also bases the study. We come to the conclusion that these elements refer to an anti-structural sociability in this context: the tribal. This is the content that leads to the goal of partnership (the attainment of health status) and constitutes one of the critiques of modernity, of the slope that is not formulated in political and / or academic terms.

### **KEYWORDS:**

Sociation; Muay Thai; tribe; health